

**DANIEL MADEIRA CARDOSO
LARISSA DE FREITAS BONOMO
LÉLIA CÁPUA NUNES**

**MATERIAL DIDÁTICO
INSTRUCIONAL PARA
SENSIBILIZAÇÃO DE
PROFISSIONAIS DA ATENÇÃO
PRIMÁRIA À SAÚDE**



AURICULOTERAPIA E GEOTERAPIA

**RECURSOS COMPLEMENTARES PARA MANEJO DE DOR
CRÔNICA ENTRE TRABALHADORES RURAIS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA – CAMPUS
GOVERNADOR VALADARES (UFJF-GV)
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM SAÚDE DA
FAMÍLIA (PROFSAÚDE)

AURICULOTERAPIA E GEOTERAPIA: RECURSOS
COMPLEMENTARES PARA MANEJO DE DOR CRÔNICA
ENTRE TRABALHADORES RURAIS

Daniel Madeira Cardoso

Graduação em Medicina (UFJF-GV). Residência em Medicina de Família e Comunidade (SMS-GV). Mestrando em Saúde da Família (PROFSAÚDE/UFJF-GV).

Larissa de Freitas Bonomo

Graduação em Farmácia (UFOP). Mestrado e Doutorado em Ciências Biológicas (UFOP). Docente do PROFSAÚDE/UFJF-GV.

Lélia Cápua Nunes

Graduação em Nutrição (UFOP). Mestrado em Saúde Coletiva (UFJF). Doutorado em Saúde Coletiva (UNESP). Docente do PROFSAÚDE/UFJF-GV.

1ª edição

Governador Valadares, Minas Gerais
2026

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Cardoso, Daniel Madeira

Auriculoterapia e geoterapia [livro eletrônico] :
recursos complementares para manejo de dor crônica
entre trabalhadores rurais / Daniel Madeira Cardoso,
Larissa de Freitas Bonomo, Lélia Cápua Nunes. --
Governador Valadares, MG : Ed. dos Autores, 2026.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-02-09579-9

1. Auriculoterapia 2. Doenças - Prevenção
3. Dor crônica 4. Terapia alternativa I. Bonomo,
Larissa de Freitas. II. Nunes, Lélia Cápua.
III. Título.

CDD-615.892

26-358746.0

NLM-WB-369

Índices para catálogo sistemático:

1. Auriculoterapia : Acupuntura : Terapêutica
615.892

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO

Apresentação	5
O que são PICS?	6
PICS e populações rurais	8
Auriculoterapia	9
Anatomia da orelha	10
Fundamentos da auriculoterapia	12
Massagem auricular	15
Etapas de aplicação	16
Orientações pós-procedimento	18
Reações adversas	19
Contraindicações	19
Manejo de intercorrências	20
Pontos para dor osteomuscular	21
Geoterapia	26
Ação das argilas	27
Propriedades terapêuticas	27
Tipos de argilas	28
Argila verde	29
Preparo e aplicação	30
Orientações pós-procedimento	32
Reações adversas	33
Contraindicações	33
Caso Clínico	34
Fechamento	39
Referências	40

APRESENTAÇÃO

Prezado profissional de saúde,

Essa é uma produção vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Saúde da Família (ProfSaúde) da Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus Governador Valadares (UFJF-GV). O objetivo desse material didático é sensibilizar profissionais da Atenção Primária à Saúde (APS) para o uso das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), com cerne na auriculoterapia e geoterapia, aplicadas ao manejo da dor crônica entre trabalhadores rurais.

Para habilitação à prática com as PICS, é importante que seja verificada a legislação do seu respectivo conselho profissional.

As PICS são recursos terapêuticos para manejo complementar da dor osteomuscular. Sabe-se que no contexto de uma Estratégia de Saúde da Família (ESF) rural, é comum que usuários apresentem quadros de dor crônica atrelados ao ritmo intenso das atividades laborais no campo (Domingues et al., 2024).

Boa leitura !

O QUE SÃO PICS ?



As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) são abordagens terapêuticas não convencionais que focam no cuidado integral, colocando o indivíduo no centro do processo (Sobral et al., 2024). A partir de vínculos e de uma escuta acolhedora, essas práticas promovem mudanças positivas na saúde, estimulando os mecanismos naturais de cura do corpo e favorecendo o bem-estar físico, mental e emocional dos pacientes (Neri et al., 2023). Tratam-se de recursos potenciais para alívio da dor crônica, evitando a medicalização excessiva, quando aplicados de maneira consciente e respaldados por evidência científica (Ghelman et al., 2023).

No Brasil, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) foi publicada em 2006 e revisada em 2015 (Brasil, 2006; Brasil, 2015). Assim, as PICS foram reconhecidas como formas de cuidado complementar na atenção básica, o que representou um avanço expressivo no fortalecimento do SUS (Brasil, 2006; Brasil, 2015). As Portarias nº 849/2017 e nº 702/2018, reconheceram e implementaram novas PICS (Brasil 2017; Brasil, 2018).

As PICS preconizadas pela PNPIC são:

- Apiterapia;
- Aromaterapia;
- Arteterapia;
- Ayurveda;
- Biodança;
- Bioenergética;
- Constelação Familiar;
- Cromoterapia;
- Dança Circular;
- Geoterapia;
- Hipnoterapia;
- Homeopatia;
- Imposição De Mãos;
- Medicina Antroposófica/Antroposofia Aplicada À Saúde;
- Medicina Tradicional Chinesa – Acupuntura (incluindo auriculoterapia);
- Meditação;
- Musicoterapia;
- Naturopatia;
- Osteopatia;
- Ozonioterapia;
- Plantas Medicinais – Fitoterapia;
- Quiropraxia;
- Reflexoterapia;
- Reiki, Shantala;
- Terapia Comunitária Integrativa;
- Terapia De Florais;
- Termalismo Social/Crenoterapia;
- Yoga.

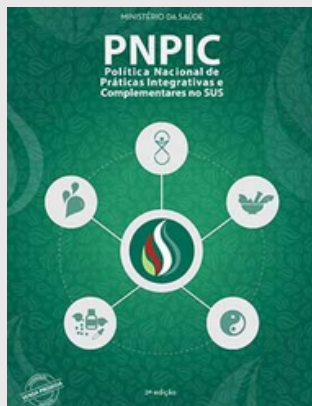


Figura 1: Capa da PNPIC

Fonte: Brasil (2015)

(Brasil, 2015; Brasil, 2017; Brasil, 2018)

PICS E POPULAÇÕES RURAIS



As PICS representam uma estratégia relevante para a promoção da saúde e o cuidado integral, podendo ser ferramentas culturalmente adequadas e sustentáveis entre comunidades rurais, fortalecendo os vínculos entre saberes tradicionais populares e políticas públicas de saúde (Rodrigues; Almeida; Fausto, 2021; Brasil, 2015).



o contato com as PICS ainda é desigual. No Brasil, o acesso às PICS é mais frequente entre os que apresentam maiores salários, escolaridade nível superior e com plano de saúde (Carvalho, 2021). Esses dados revelam a necessidade de intervenções que garantam o acesso equitativo a essas práticas, especialmente em territórios vulneráveis como o meio rural.



Salienta-se que comunidades rurais possuem maiores chances de dor musculoesquelética, comparando-se às populações urbanas (Mesa-Castrillon et al., 2024). Entre as PICS que apresentam eficácia no tratamento complementar da dor crônica, citam-se a auriculoterapia e a geoterapia (Delfino; Medeiros; Schlindwein, 2020; Li et al., 2020).

AURICULOTERAPIA

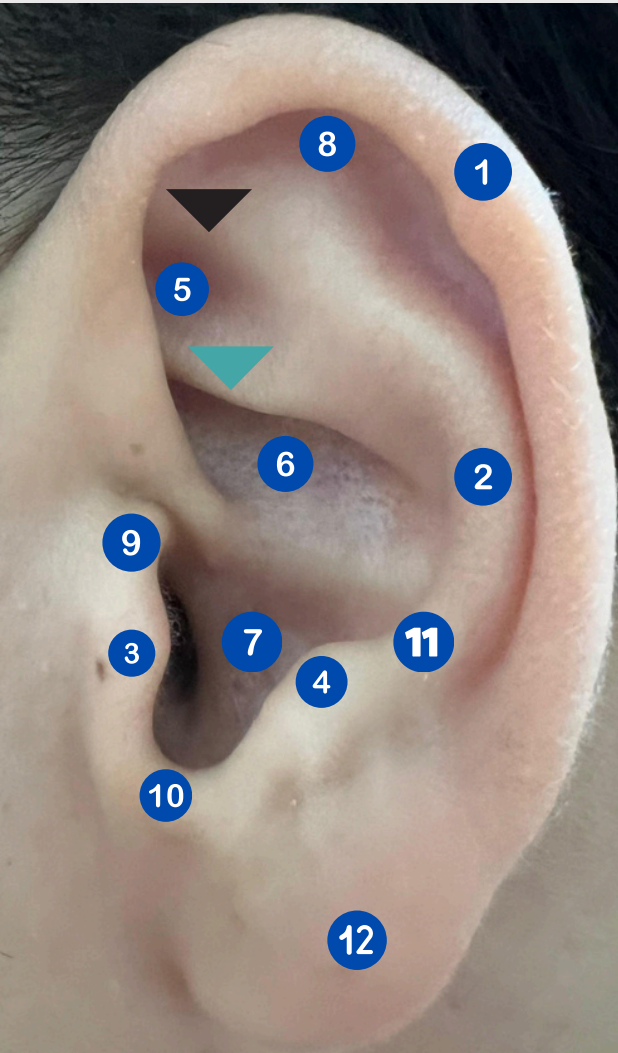


A auriculoterapia se baseia na estimulação de pontos específicos da orelha para tratar diversas condições de saúde (Corrêa et al., 2025). Há evidências que a estimulação auricular pode reduzir a dor, incluindo em situações de maior intensidade como dor pós operatória, dor neuropática e oncológica (Li et al., 2020; Ruela et al., 2024). A teoria vinculada à auriculoterapia é a de que pontos na orelha correspondem a áreas específicas do corpo e sua estimulação pode influenciar as funções fisiológicas, promovendo o alívio da dor e ajudando no equilíbrio energético do organismo (Dallegrave et al. 2024)

Para compreender sobre o assunto, serão abordados os seguintes temas: anatomia da orelha, fundamentos da auriculoterapia, massagem auricular, etapas de aplicação, orientações pós-procedimento, reações adversas, contraindicações e pontos auriculares para tratamento da dor osteomuscular.



ANATOMIA DA ORELHA



1: Hélice

2: Antélice

Ramo superior ▼

Ramo inferior ▼

3: Trago

4: Antitrago

5: Fossa triangular

6: Concha cimba

7: Concha cava

8: Escafa

9: Incisura supratrágica

10: Incisura intertrágica

11: Incisura do antitrago e da antélice

12: Lóbulo

Figura 2: Anatomia da orelha
Elaborada pelos autores (2025)

(Rio de Janeiro, 2024; Freitas et al., 2022)

Conforme retratado na figura 2, as principais estruturas da orelha incluem **protuberâncias** como:

- Hélice (1), que corresponde à borda curva superior.
- Antélice (2), localizada internamente à hélice e dividida em ramos superior e inferior.
- Trago (3), pequena saliência situada à frente do meato acústico externo.
- Antitrago (4), logo acima do lóbulo e oposto ao trago.
- Lóbulo (12), formado por tecido mole e sem cartilagem.

Também são notáveis os **sulcos**:

- Fossa triangular (5), depressão entre os ramos da antélice.
- Escafa (8), posicionada entre a hélice e a antélice.
- Concha, subdividida em duas partes, a cimba (6) na região superior e a cava (7) na inferior.

Por fim, destacam-se as **incisuras**, como:

- Supratrágica (9), localizada acima do trago.
- Intertrágica (10), situada entre o trago e o antitrago.
- Incisura, que separa o antitrago da antélice (11).

(Rio de Janeiro, 2024; Freitas et al., 2022)



FUNDAMENTOS DA AURICULOTERAPIA

A auriculoterapia reúne duas grandes vertentes: a escola francesa, baseada na reflexologia e na neurofisiologia, e a escola chinesa, fundamentada nos princípios da Medicina Tradicional Chinesa (MTC) (Silva et al., 2022).

Na reflexologia, a orelha é entendida como um microsistema que reflete todo o organismo. Isso se explica pela grande rede de terminações nervosas que ligam áreas do pavilhão auricular ao cérebro, que, por sua vez, se comunica com diferentes órgãos e tecidos. Essa relação é ilustrada pela representação de um feto invertido na orelha (figura 3), indicando que a estimulação de pontos reflexos pode gerar respostas em todo o corpo (Rio de Janeiro, 2024).



Estrutura da orelha → Órgão ou tecido que se relaciona

Lóbulo da orelha → Cabeça e face

Concha → Órgãos internos

Concha Cimba → Órgãos da região torácica

Fossa Triangular → Órgãos da pelve e genitais internos

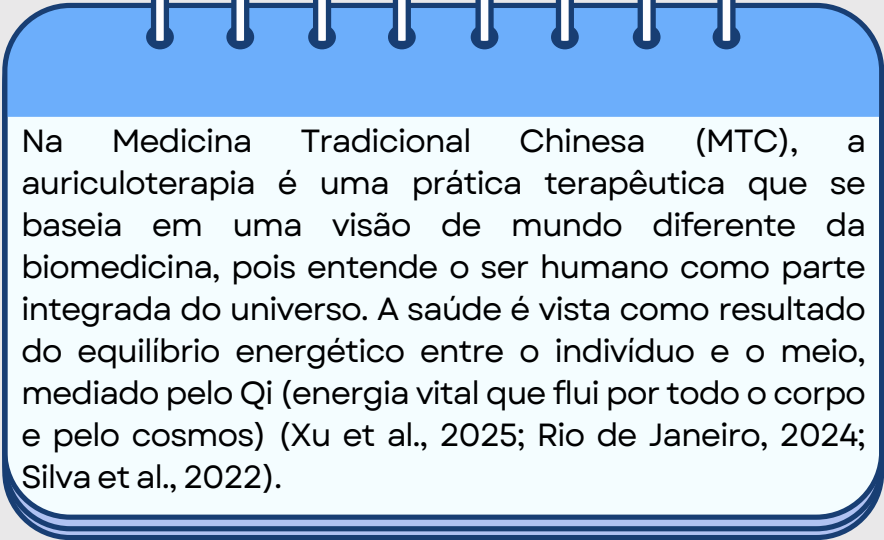
Escafa → Membros superiores

Antélice → Sistema musculoesquelético

Ramo superior da antélice → Membros inferiores

Ramo inferior → Região glútea e ciático

Figura 3: Representação do feto invertido, conforme ideias da reflexologia. Elaborada pelos autores (2025)



Na Medicina Tradicional Chinesa (MTC), a auriculoterapia é uma prática terapêutica que se baseia em uma visão de mundo diferente da biomedicina, pois entende o ser humano como parte integrada do universo. A saúde é vista como resultado do equilíbrio energético entre o indivíduo e o meio, mediado pelo Qi (energia vital que flui por todo o corpo e pelo cosmos) (Xu et al., 2025; Rio de Janeiro, 2024; Silva et al., 2022).

Quando esse fluxo é interrompido ou desequilibrado, surgem as doenças. O Qi manifesta-se por meio da interação entre *Yin* e *Yang*, forças opostas e complementares que devem permanecer em harmonia. A auriculoterapia atua para restaurar esse equilíbrio (Xu et al., 2025; Rio de Janeiro, 2024; Silva et al., 2022).

A Teoria dos Cinco Elementos (madeira, fogo, terra, metal e água) explica as relações dinâmicas entre os fenômenos da natureza e os processos internos do corpo. Ademais, a teoria Zang-Fu descreve os órgãos e vísceras tanto por suas funções fisiológicas, quanto por aspectos energéticos e emocionais. Por exemplo, o fígado está associado à raiva e ao elemento Madeira, enquanto o coração relaciona-se à alegria e ao Fogo (Xu et al., 2025; Rio de Janeiro, 2024; Silva et al., 2022).

Assim, na auriculoterapia, a estimulação dos pontos auriculares busca harmonizar interações entre órgãos, emoções e elementos (figura 4), promovendo o equilíbrio global do corpo e da mente e restaurando o fluxo livre do Qi para alcançar a saúde integral (Xu et al., 2025; Rio de Janeiro, 2024; Silva et al., 2022).




Figura 4: Elementos da Medicina Tradicional Chinesa
 Canva (2025)




MASSAGEM AURICULAR

A massagem da orelha tem como finalidade estimular a circulação local e preparar a região para receber as sementes. Ela deve ser realizada previamente à aplicação, conforme os passos abaixo:

- 1 Apoie o dedo indicador na parte posterior da orelha e o polegar na face anterior, exercendo pressão principalmente nos pontos mais sensíveis;
- 2 Com movimento ascendente, massageie toda a extensão da orelha, desde o lóbulo até o ápice e do trago até o ápice. A massagem deve ser feita até que o usuário perceba aumento da temperatura local ou diminuição da sensibilidade nas áreas dolorosas.

 Realize sempre em ambas as orelhas ao mesmo tempo.

 Evite movimentos de fricção, pois podem causar pequenas lesões na pele do pavilhão auricular.

(Rio de Janeiro, 2024)



ETAPAS DE APLICAÇÃO

Materiais necessários:

- Placa de sementes preparada e montada
- Pinça
- Algodão
- Álcool 70%

Procedimento:

- 1 Prepare a placa de sementes de mostarda, fixando-as previamente nos adesivos microporosos;
- 2 Separe a placa já pronta para uso;
- 3 Realize a anamnese com o usuário, abordando as queixas de dor;
- 4 Inspeção o pavilhão auricular para verificar alterações, como sinais de infecção ou inflamação;
- 5 Com auxílio do palpador, palpe a orelha e identifique pontos de maior sensibilidade, observando reações verbais ou faciais;
- 6 Relacione as queixas relatadas com os achados da inspeção e palpação, escolhendo de dois a oito pontos a serem estimulados, priorizando o sintoma principal;

(Rio de Janeiro, 2024; Alcântara et al., 2022)

- 7 Higienize ambas as orelhas com algodão embebido em álcool 70° ou swab;
- 8 Realize a massagem auricular;
- 9 Aplique as sementes nos pontos escolhidos, lembrando que os locais mais dolorosos geralmente indicam o ponto exato;
- 10 Para queixas osteomusculares, utilize o pavilhão do lado correspondente à dor (ex: dor no ombro esquerdo → sementes na orelha esquerda).

(Rio de Janeiro, 2024; Alcântara et al., 2022)



Acesse o *link* ou escaneie o *QR code* e assista ao **vídeo demonstrativo** as etapas de aplicação da auriculoterapia



<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/1178700>



ORIENTAÇÕES PÓS-PROCEDIMENTO

De acordo com Silva et al. (2022) e Rio de Janeiro (2024), é importante explicar ao usuário:

- 1 Os hábitos de higiene podem ser realizados normalmente, sem necessidade de recolocar a semente caso ela se desprenda;
- 2 Pode ocorrer sensibilidade ou dor leve nos pontos. A retirada é recomendada se a dor for intensa;
- 3 A estimulação dos pontos auriculares deve ser realizada pelo próprio paciente, de três a cinco vezes por dia, automassagando as orelhas, o que gera maior corresponsabilização no processo de cuidado;
- 4 Deve ser agendado retorno em aproximadamente sete dias para nova aplicação, se necessário.





REAÇÕES ADVERSAS

Podem surgir manifestações locais consideradas normais: dor leve, calor, adormecimento, sensação de contratura ou intensificação inicial dos sintomas. Esses efeitos geralmente desaparecem entre 24 e 48 horas (Rio de Janeiro, 2024; Alcântara et al., 2022).



CONTRAINDICAÇÕES



Conforme protocolos nacionais (Rio de Janeiro, 2024; Alcântara et al., 2022), as contraindicações ao procedimento são:

- Infecção ou inflamação na orelha;
- Hipersensibilidade ou alergia ao esparadrapo ou às sementes;
- Gestantes com menos de 20 semanas ou com histórico de abortos espontâneos, pois os pontos usados para dor podem coincidir com pontos que estimulam contração uterina;
- Deformidades na orelha (avaliar a particularidade de cada caso);
- Feridas;
- Paciente pré-cirúrgico.



MANEJO DE INTERCORRÊNCIAS

Durante a auriculoterapia podem ocorrer algumas intercorrências leves e transitórias, que geralmente são facilmente manejadas pelo profissional.

Em casos de sangramento leve, recomenda-se realizar compressão local com gaze estéril até cessar o sangramento. Quando houver irritação cutânea ou reação alérgica, deve-se retirar o esparadrapo ou a semente e observar a evolução do quadro. Na presença de dor intensa, o estímulo deve ser removido e o ponto auricular reavaliado. Caso o paciente apresente tontura ou mal-estar, orienta-se colocá-lo em repouso e oferecer hidratação. Diante de sinais de infecção, como vermelhidão intensa, secreção, calor local ou dor persistente, a terapia deve ser suspensa e o paciente encaminhado para avaliação médica. Em situações de hematoma, recomenda-se a aplicação inicial de compressa fria no local.





PONTOS PARA DOR OSTEOMUSCULAR

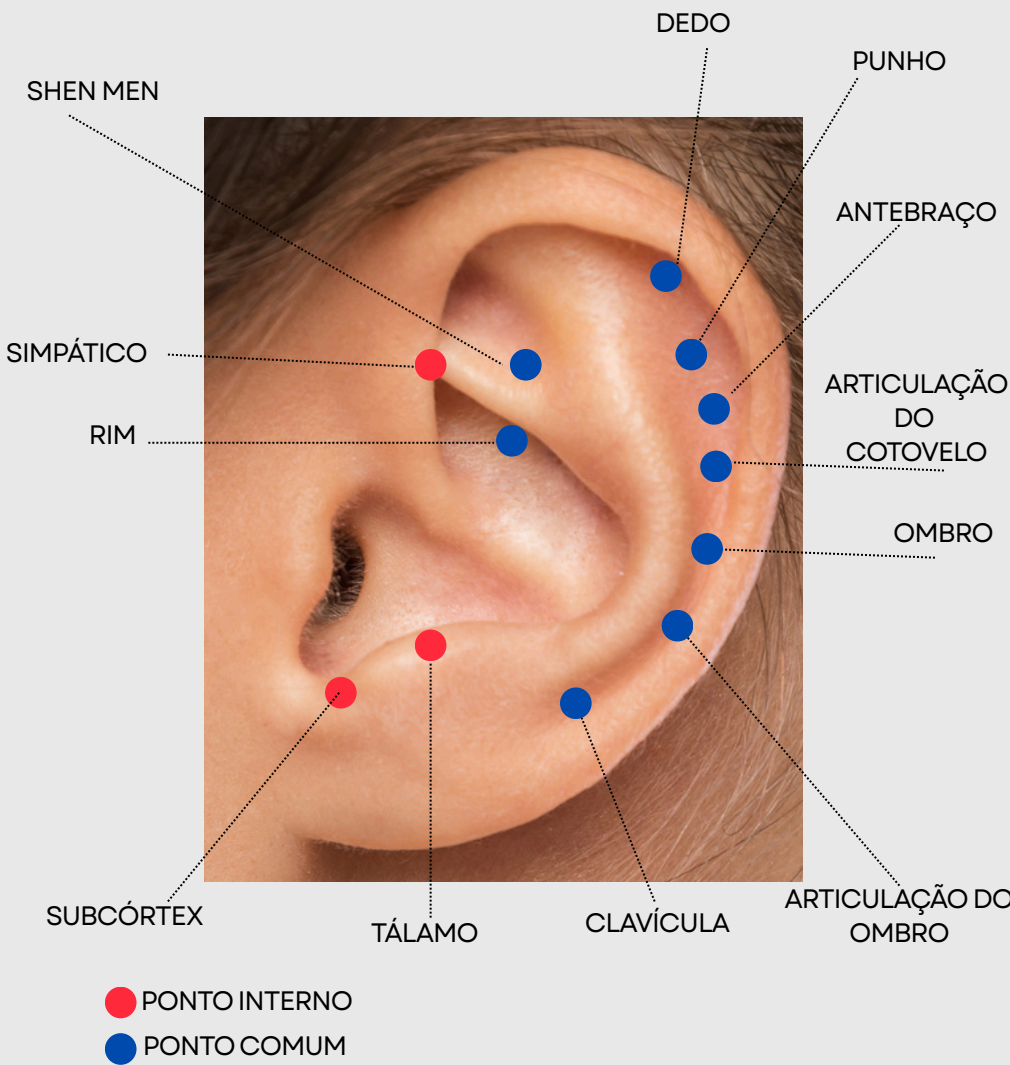


Figura 5: Pontos auriculares para alívio da dor (sistema nervoso e membros superiores)
Elaborada pelos autores (2025)



PONTOS PARA DOR OSTEOMUSCULAR

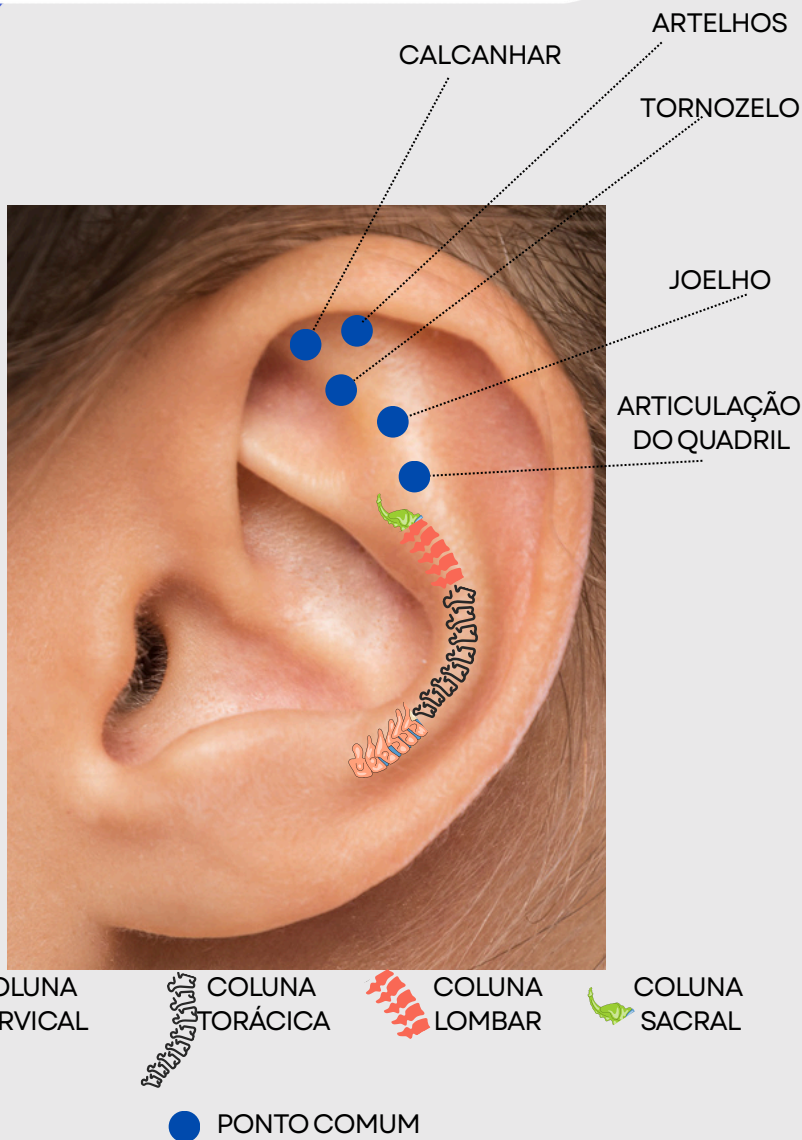


Figura 6: Pontos auriculares para alívio da dor (coluna vertebral e membros inferiores)

Elaborada pelos autores (2025)



O tratamento auricular costuma iniciar com a harmonização energética, conhecida como **Triângulo Cibernético**, formado pelos pontos **Shen Men, Rim e Simpático**. Tais pontos devem ser aplicados nessa sequência para promover equilíbrio físico e emocional, além de preparar o organismo para receber os demais estímulos terapêuticos. Entre os pontos específicos ligados ao sistema nervoso, destacam-se o **Subcórtex** e o **Tálamo**. Observe que, na figura 5, o Subcórtex está localizado na parte interna e inferior do antitrigo. Sua atuação ocorre sobre os processos de excitação e inibição cortical, sendo indicado em casos de ansiedade, depressão, dores e distúrbios emocionais. O Tálamo está situado na borda interna do ápice do antitrigo (figura 5); com ação importante no controle da dor, especialmente em quadros de cervicalgia e lombalgia (Rio de Janeiro, 2024; Neves et al., 2023).

Na figura 5, é possível observar que regiões da escafa representam os pontos correspondentes aos membros superiores. O ponto da **clavícula** localiza-se ao nível do vértice do trago e é indicado para distúrbios dessa articulação. Logo acima, encontra-se o ponto da **articulação do ombro**, relacionado a dores e limitações do ombro. No terço médio da escafa, na borda superior da raiz da hélice, situa-se o ponto **ombro**. Na sequência, conforme figura 5, tem-se os pontos de **articulação do cotovelo**, no centro da escafa; **antebraço**, no terço superior da escafa; **punho**, acima do antebraço; e **dedos**, cujo ponto está na extremidade superior da escafa. Em conjunto, esses pontos são eficazes para tendinites, dores musculares, inflamações articulares e limitações de movimento (Rio de Janeiro, 2024; Neves et al., 2023).





Conforme a figura 6, pontos que correspondem aos membros inferiores situam-se principalmente no ramo superior da antélice. O ponto da **articação do quadril** localiza-se no início desse ramo, seguido pelo ponto do **joelho**, situado um pouco acima, na região central. Mais adiante, próximo à borda da fossa triangular, encontra-se o ponto do **tornozelo**, e acima deste, o do **calcanhar**, posicionado junto à hélice. Na extremidade superior e externa do ramo superior da antélice, está o ponto auricular dos **artelhos**, que representam os dedos dos pés. Esses pontos são tradicionalmente aplicados para alívio de dores musculares, articulares e parestesias em membros inferiores, auxiliando na recuperação funcional e na melhoria da circulação local (Rio de Janeiro, 2024; Neves et al., 2023).

A coluna é representada ao longo da antélice, de acordo com a figura 6. Cada segmento corresponde a uma região anatômica específica:

- **Coluna cervical:** inicia na junção do antitrigo com a antélice, correspondendo às vértebras C1 a C7. Útil para dores cervicais e parestesia em membros superiores;
- **Coluna torácica:** pontos localizados na porção média da antélice, referente às vértebras T1 a T12, podendo ser empregados em tensões musculares dorsais;
- **Coluna lombar:** situada em área da antélice, equivalente às vértebras L1 a L5, aplicada para lombalgia e desconfortos irradiados para membros inferiores;
- **Coluna sacra:** projetada sobre a região do vértice da fossa triangular, representando o segmento sacrococcigeo. Ponto indicado para sacralgia (Rio de Janeiro, 2024; Neves et al., 2023).





Na dor osteomuscular, a escolha dos pontos pode seguir a correspondência reflexa ou combinar locais específicos para potencializar o efeito.

Exemplo: para dor no joelho, pode-se usar o ponto reflexo da articulação associado ao Shen Men, conhecido por sua ação calmante e analgésica. O tratamento costuma durar de uma a quatro semanas (Neves et al., 2023).

GEOTERAPIA



A geoterapia, que utiliza a aplicação de argilas terapêuticas, tem se destacado no alívio da dor, principalmente, em condições musculoesqueléticas (Delfino; Medeiros; Schlindwein, 2020). Estudos como o de Lopes, Veiga e Fagundes (2024) demonstraram que a aplicação de argilas com propriedades anti-inflamatórias e analgésicas auxilia na redução da dor e no relaxamento muscular. Há possibilidade do uso de compressas, banhos e máscaras faciais. A geoterapia é eficaz no alívio de dores musculares, articulares e na redução de edemas e inflamações (Truppel; Marafon; Valente, 2020).

Um ensaio clínico concluiu que a geoterapia foi efetiva na redução da intensidade da dor lombar crônica, com significância estatística, após quatro sessões de cataplasma de argila verde em periodicidade semanal (Delfino; Medeiros; Schlindwein, 2020).

A seguir, para melhor compressão da temática, serão trabalhados os assuntos: ação das argilas, propriedades terapêuticas, tipos de argilas, argila verde, preparo e aplicação, orientações pós-procedimento, eventos adversos e contraindicações.



AÇÃO DAS ARGILAS

As argilas medicinais são utilizadas como aliadas naturais na promoção da saúde. Elas atuam absorvendo impurezas e o excesso de energia acumulada em regiões com dor ou inflamação. Em troca, transmitem uma energia equilibrada que ajuda o corpo a se regenerar (Delfino; Medeiros; Schlindwein, 2020; Gouveia, 2015).

Para exemplificação, salienta-se que em inflamações, uma compressa fria de argila aplicada na pele esquenta com o tempo. Isso ocorre porque ela puxa o calor da área afetada, auxiliando na recuperação (Truppel; Marafon; Valente, 2020; Gouveia, 2015).



PROPRIEDADES TERAPÊUTICAS

- Redução de inflamações;
- Desintoxicação da pele e dos tecidos;
- Aceleração da cicatrização;
- Ação antibacteriana e antisséptica;
- Grande poder de absorção.

(Truppel; Marafon; Valente, 2020; Gouveia, 2015)



TIPOS DE ARGILAS

Gomes et al. (2022) mencionam que cada tonalidade de argila está relacionada à sua composição mineral e propriedades específicas. Para os autores, as indicações clínicas das diferentes argilas são:

Argila rosa: útil para acnes, espinhas e cravos;

Argila vermelha: dores musculares;

Argila branca: indicada para manchas e pele seca. Ademais, é utilizada para desintoxicação da pele; sintomas ansiosos e depressivos;

Argila preta: anti-inflamatória, antitumoral, relaxante, absorvente, antisséptica e estimulante de fibras de colágeno;

Argila Cinza: rejuvenescedora, hidratante e empregada no tratamento de manchas.





ARGILA VERDE

A argila verde é efetiva para tratamento complementar de dores osteomusculares. A coloração é resultado da presença de óxido de ferro e uma rica combinação de minerais como: magnésio, cálcio, potássio, manganês, zinco e silício (Lopes; Veiga; Fagundes, 2024; Delfino; Medeiros; Schlindwein, 2020; Gouveia, 2015).

Principais ações: anti-inflamatória, absorvente, antiedematosa, antisséptica e cicatrizante (Gouveia, 2015).



Tempo de aplicação (Gouveia, 2015):

Próximo aos ossos: até 1 hora;

Abdômen e glúteos: até 1 hora e 30 minutos;

Face: até 15 minutos (mantendo sempre úmida, com água filtrada ou mineral).



Periodicidade de aplicação:

Delfino, Medeiros e Schlindwein (2020) obtiveram bons resultados com tratamento semanal pelo período de 4 semanas.



PREPARO E APLICAÇÃO

- 1 Em um recipiente de porcelana (evitar metal ou plástico), misture 2 colheres (sopa rasa) de argila com água mineral ou filtrada (figura 7);
- 2 Adicione água aos poucos até formar uma pasta cremosa, nem muito líquida, nem muito espessa;
- 3 Umedeça a área a ser tratada e cubra com gazes (figura 8);
- 4 Espalhe a argila sobre a gaze em uma camada de cerca de 1 cm (figura 9);
- 5 Não deixe a argila secar;
- 6 Após o tempo indicado, retire a gaze com a argila e limpe a pele suavemente com algodão umedecido com água filtrada ou mineral. (Truppel; Marafon; Valente, 2020; Gouveia, 2015)



Acesso o *link* ou escaneie o *QR code* e assista ao **vídeo demonstrativo** sobre preparo e aplicação da argila verde.



<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/1178699>



Figura 7: Preparo da argila para aplicação
Arquivo pessoal (2025)



Figura 8: Aplicação de gaze umedecida no local da aplicação da argila (cotovelo).
Arquivo pessoal (2025)



Figura 9: Cataplasma de argila verde em cotovelo, para epicondilite.
Arquivo pessoal (2025)



ORIENTAÇÕES PÓS-PROCEDIMENTO

- Retirada da massa da argila;
- 15 minutos de repouso após a técnica;
- Ingerir alimentos mais leves cerca de 1 hora e 30 minutos antes e após a aplicação;
- Aumentar a ingestão de água;
- Podem ocorrer efeitos fisiológicos, como: diarreia, aumento da frequência de evacuações ou volume das fezes, alterações na coloração da urina e aumento da sede;
- Observar sinais de irritação, como: vermelhidão persistente, ardor intenso ou descamação. Nessas situações, deve-se suspender o uso e buscar orientação profissional.

(Santa Catarina, 2017)





REAÇÕES ADVERSAS

De acordo com Gomes et al. (2021) e Santa Catarina (2017), a argila geralmente é bem tolerada e eventos adversos são raros. Entretanto, pode ocorrer:

- Irritação cutânea, coceira e ardência leve;
- Ressecamento excessivo após o uso repetido;
- Reações alérgicas;
- Intoxicação em casos de ingestão da argila.



CONTRAINDICAÇÕES



Conforme Santa Catarina (2017), as contraindicações ao uso da geoterapia são:

- Feridas abertas, úlceras, ferimentos profundos e fraturas expostas;
- Aplicação em mucosas;
- Micoses e outras infecções de pele ativas;
- Queimaduras de segundo e terceiro graus;
- Aplicação direta no tórax do usuário com marcapasso;
- Pessoas que estão em tratamento com corticóide;
- Aplicação interna, por exemplo, dentro do nariz.



CASO CLÍNICO

Aprofunde seus conhecimentos. Leia o caso clínico a seguir e responda as perguntas:

Sebastião, 68 anos, trabalhador rural aposentado, procura a Unidade Básica de Saúde (UBS) relatando dor crônica na região lombar há vários anos. Conta que trabalhou grande parte da vida na lavoura, realizando esforço físico intenso, carregando peso e permanecendo por muitas horas em posições desconfortáveis. Refere que a dor piora ao caminhar, permanecer muito tempo em pé e ao realizar tarefas domésticas, dificultando suas atividades diárias e prejudicando seu sono. O paciente já realizou diversos tratamentos ao longo dos anos, incluindo acompanhamento com ortopedista e sessões de fisioterapia, mas relata melhora apenas temporária. Durante grande parte da vida, fez uso frequente de anti-inflamatórios para aliviar a dor, o que contribuiu para o desenvolvimento de doença renal crônica. Além disso, é hipertenso e diabético, faz uso contínuo de várias medicações para controle das comorbidades. Entre elas, utiliza pregabalina 75 mg para controle da dor crônica.

CONTINUE





CASO CLÍNICO

Durante a consulta, Sebastião demonstra cansaço e preocupação com a quantidade de medicamentos que utiliza diariamente. Relata medo de prejudicar ainda mais a própria saúde e afirma que, por esse motivo, começou a utilizar chás de plantas medicinais indicados por conhecidos da comunidade, na tentativa de aliviar a dor e melhorar o bem-estar. O paciente também refere que a dor constante tem afetado sua saúde mental, causando tristeza, desânimo, irritabilidade e dificuldade para realizar atividades de que antes gostava. Diz sentir-se limitado e dependente de outras pessoas em alguns momentos. Na consulta de enfermagem, a profissional realiza escuta acolhedora, orienta sobre medidas de cuidado e apresenta ao paciente algumas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) disponíveis na UBS, como auriculoterapia e geoterapia. A enfermeira explica que essas práticas podem auxiliar no alívio da dor, no relaxamento e na melhora do bem-estar geral, funcionando como complemento ao tratamento já realizado. Sebastião demonstra interesse, faz perguntas sobre o funcionamento das terapias e aceita iniciar o acompanhamento com essas práticas.

CONTINUE





CASO CLÍNICO

SOBRE O CASO CLÍNICO, RESPONDA ÀS QUESTÕES A SEGUIR:

- A) As PICS apresentadas pela enfermeira possuem evidência científica para o caso de Sebastião?
- B) O paciente tem alguma contraindicação ao uso da geoterapia e auriculoterapia?
- C) Como deve ser o passo a passo que a enfermeira deve seguir para aplicar a técnica de auriculoterapia? Quais as orientações pós-procedimento?
- D) Como deve ser a aplicação de cataplasma de argila verde? Por quanto tempo deve ser o tratamento?”





CASO CLÍNICO

Gabarito:

A) Sim. Há evidências de que a auriculoterapia auxilia incluindo em dores de maior intensidade, como neuropática, oncológica e pós-operatória. A geoterapia tem propriedades anti-inflamatórias e analgésicas e um ensaio clínico demonstrou evidência de tratamento da dor lombar com argila verde.

B) Não. As comorbidades de Sebastião não contraindicam o uso das PICS.

C) Etapas: preparação da placa de sementes, anamnese com o usuário, inspeção do pavilhão auricular, palpação com auxílio do palpador, relacionar queixas com achados de inspeção e palpação, higienização das orelhas com álcool 70, massagem auricular e aplicação dos pontos. Orientações pós-procedimento: realizar hábitos de higiene normalmente; retirar pontos, se dor intensa; estimulação dos pontos auriculares pelo próprio paciente de 3 a 5 vezes ao dia; e retorno em cerca de 7 dias para reavaliação e nova aplicação se necessário.

CONTINUE





CASO CLÍNICO

Gabarito

D) Misturar 2 colheres de argila com água mineral ou filtrada preferencialmente em recipiente que não seja de metal ou plástico; adicionar água aos poucos até formar uma pasta cremosa; umedecer a área que será tratada e cobrir com gazes; espalhar a argila sobre a gaze em uma camada de cerca de 1 cm; não deixar a argila secar; após o tempo indicado (cerca de 1 hora quando próximo aos ossos), retirar a gaze com a argila e limpar a pele suavemente com algodão umedecido com água filtrada ou mineral. O tratamento deve ser semanal, por cerca de 4 semanas.”

FECHAMENTO

o Manual de Implementação de Serviços de PICS no SUS recomenda que, para sensibilizar profissionais da APS sobre PICS, sejam realizadas atividades introdutórias com base na realidade local, culminando em pactuações coletivas sobre ações a serem desenvolvidas nos serviços (Brasil, 2018). Ademais, salienta-se que populações vulneráveis apresentam pouco acesso aos serviços de PICS (Carvalho, 2021).

Comunidades rurais consideram estratégias não farmacológicas e preventivas mais eficazes para o manejo da dor comparando-se ao uso de medicações como único tratamento (Washington et al., 2025). Diante do exposto, o presente material didático é uma ferramenta interessante para qualificar profissionais da APS rural, ampliando seus conhecimentos sobre PICS, com base em evidências científicas. Esse material didático tem potencial para fortalecer o cuidado integral, valorizando saberes tradicionais e promovendo saúde e bem-estar nas coletividades do campo.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Pedro et al. Protocolo de Auriculoterapia. Documento PROT-TEC-AMB 04. Goiânia: Secretaria de Estado da Saúde de Goiás, 12 dez. 2022. Disponível em: <https://goias.gov.br/saude/wp-content/uploads/sites/34/cremic/protocolo-auriculoterapia.pdf>. Acesso em: 18 out. 2025.

BÄUMLER, Petra et al. Acupuncture-related adverse events: systematic review and meta-analyses of prospective clinical studies. PubMed Central (PMC), 2021. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8422480/>. Acesso em: 25 maio 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 971, de 3 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Diário Oficial da União, Brasília, 3 maio 2006. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971_03_05_2006.html. Acesso em: 18 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf. Acesso em: 18 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 849, de 27 de março de 2017. Inclui novas práticas integrativas e complementares na PNPIC. Diário Oficial da União, 28 mar. 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html. Acesso em: 18 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 702, de 21/22 de março de 2018. Altera a Portaria de Consolidação nº 2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, para incluir novas práticas na PNPIC. Diário Oficial da União, 22 mar. 2018. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2018/prt0702_22_03_2018.html. Acesso em: 18 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Manual de Implementação de Serviços de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pics/publicacoes/manual_implantacao_servicos_pics.pdf. Acesso em: 6 jul. 2025.

CARVALHO, Islândia M. de S. (Coord.). Boletim Evidências – N.º 7: Uso de Práticas Integrativas e Complementares no contexto da Covid-19. Rio de Janeiro: Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde (ObservaPICS/Fiocruz), jan.-abr. 2021. 16 p. ISSN 2675-1674. Disponível em: <https://observapics.fiocruz.br/wp-content/uploads/2021/08/Boletim-Evidencias-N7-ObservaPICS.pdf> . Acesso em: 18 out. 2025.

CORRÊA, H. P. et al. Auriculoterapia para ansiedade, qualidade de vida e medo da COVID-19 em gestantes: ensaio clínico randomizado, multicêntrico e duplo-cego. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 78, p. e20220653, 2025. DOI: 10.1590/0034-7167-2022-0653. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/z4TM7XzcLxnRfYRxcZdHLGC/?lang=en> . Acesso em: 18 out. 2025.

DALLEGRAVE, Daniela et al. Fatores associados à busca das(os) enfermeiras(os) pela formação em auriculoterapia: estudo transversal nacional. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 58, p. e20230556, 2024. DOI: 10.1590/1980-220X-REEUSP-2023-0556. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/fPYDKPjgcJcSQzPnbsjVCQx/?lang=en> . Acesso em: 18 out. 2025.

DELFINO, Mariana Terezinha; MEDEIROS, Graciela Mendonça da Silva; SCHLINWHEIN, Aline Daiane. Argila medicinal verde no tratamento da dor lombar inespecífica: ensaio clínico. *Brazilian Journal of Pain*, v.3, n.3, p.213-216, 2020.

DOMINGUES, Renata Cordeiro et al. Uso de agrotóxicos em canaviais de Pernambuco e danos à saúde do trabalhador. *Saúde em Debate*, v. 48, n. 141, p. e8714, abr.-jun. 2024. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1565850>. Acesso em: 18 fev. 2025.

FREITAS, Renato Silva et al. Uso do retalho tubular retroauricular para reconstrução da hélice e lóbulo da orelha. *Revista Brasileira de Cirurgia Plástica*, v. 37, n. 3, p. 369-373, jul./set. 2022. DOI: 10.5935/2177-1235.2022RBCP.579-pt. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcp/a/sL6qfKHpGnjXBp9vnGStcsx/?lang=pt> . Acesso em: 18 out. 2025.

GHELMAN, Ricardo et al. Mapa de evidências efetividade clínica das Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas para Câncer do Útero: informe executivo. São Paulo: BIREME/OPAS/OMS, jun. 2023. 47 p. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/reource/pt/biblio-1518840>. Acesso em: 18 fev. 2025.

GOMES, Celso et al. Benefits and risks of clays and clay minerals to human health from ancestral to current times: a synoptic overview. *Clays and Clay Minerals*, v. 69, p. 612-632, 2021. DOI: 10.1007/s42860-021-00160-7. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s42860-021-00160-7> . Acesso em: 19 out. 2025.

GOMES, Saulo de Almeida; et al. Geoterapia: o “poder da terra” na saúde humana. *Open Minds International Journal*, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 15-23, 2022. DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v3i3.174> . ISSN 2675-5157.

GOUVEIA, Gisele Damian Antonio. Slides - Geoterapia aplicada à Atenção Primária à Saúde. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 25 fev. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/170036/Slides%20-%20Geoterapia%20aplicada%20c3%a0%20APS.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 18 out. 2025.

LI, X. et al. Auriculoterapia no manejo da dor crônica: uma revisão sistemática. *Journal of Integrative Medicine*, v. 18, n. 4, p. 215-221, 2020.

LOPES, Julia Becker; VEIGA, Ana Beatriz Boing da Veiga; FAGUNDES, Raiza Cainã de Souza. A eficácia da aplicação da argila verde em padelistas amadores com dor crônica: estudo clínico randomizado. *Brazilian Journal of Pain*, v. 7, n. 1, p. 23-30, jan./mar. 2024. DOI: 10.5935/2675-4849.20240006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/brjp/a/JkGbzxjz9g8nvWDzYW4RWCp/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 18 out. 2025.

MESA-CASTRILLON, C. I. et al. Global prevalence of musculoskeletal pain in rural and urban populations: a systematic review with meta-analysis. *Australian Journal of Rural Health*, v. 32, n. 5, p. 864-876, out. 2024. DOI: 10.1111/ajr.13161. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/ajr.13161>. Acesso em: 4 maio 2025.

NERI, Suzana Costa Carvalho et al. Diagnóstico situacional das práticas integrativas e complementares em saúde na Bahia: um estudo transversal. *Revista Baiana de Saúde Pública*, v. 47, n. 1, p. 9-24, 2023. DOI: 10.5935/0034-7230.2023.00324. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1438219>. Acesso em: 18 fev. 2025.

NEVES, Marcos Lisboa et al. Guia de auriculoterapia para dor crônica baseado em evidências. Brasília: Ministério da Saúde; Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, abr. 2023. 45 p. Disponível em: https://auriculoterapia.paginas.ufsc.br/files/2023/06/Guia-dor_cronica_final.pdf-26_06_2023.pdf. Acesso em: 18 out. 2025.

NIELSEN, Arya; GEREAU, Sezelle; TICK, Heather. Risks and Safety of Extended Auricular Therapy: A Review of Reviews and Case Reports of Adverse Events. *Pain Medicine*, Oxford, v. 21, n. 6, p. 1276-1293, 2020. DOI: 10.1093/pm/pnz379. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32430505/> Acesso em: 25 maio 2026.

RIO DE JANEIRO. SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE. Auriculoterapia na Atenção Primária à Saúde: ansiedade, dor osteomuscular e tabagismo. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: [https://subpav.org/aps/uploads/publico/repositorio/Livro_AuriculoterapiaNaAPS_PDFDigital_20240314_\(1\).pdf](https://subpav.org/aps/uploads/publico/repositorio/Livro_AuriculoterapiaNaAPS_PDFDigital_20240314_(1).pdf). Acesso em: 18 out. 2025.

RODRIGUES, Karina Vasconcelos; ALMEIDA, Patty Fidelis. de; FAUSTO, Marcia Cristina. Informal and popular healthcare subsystems in a remote rural municipality in the Brazilian Amazon region. *Rural and Remote Health*, v. 21, n. 3, 2021. Disponível em: <https://www.rrh.org.au/journal/article/6568>. Acesso em: 18 out. 2025.

RUELA, Ludmila Oliveira et al. Auricular therapy to control pain in women with breast cancer: protocol for systematic review and meta-analysis. *JMIR Research Protocols*, v. 13, e55792, 2024. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11522657/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SANTA CATARINA. Telessaúde. Fórum de discussão PICs – Geoterapia e saúde mental: relato de experiência de Balneário Piçarras/SC. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 24 out. 2017. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/191287/F%C3%B3rum_GeoterapiaSa%C3%BAdeMental.pdf?sequence=1. Acesso em: 18 out. 2025.

SILVA, Livia Karoline Moraes da; LIMA, Hannyelly de Souza; CAVALCANTE, Wanessa Toscano; MORAIS, Maria do Socorro Trindade; VIANA, Yullia Abreu; SILVA, Luana Martiniano et al. Auriculoterapia na atenção primária: perspectivas de participantes de um grupo fechado. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, v. 17, n. 44, p. e2687, 2022. DOI: 10.5712/rbmf17(44)2687. Disponível em: <https://rbmf.org.br/rbmf/article/view/2687/1734>. Acesso em: 18 out. 2025.

SOBRAL, Bárbara Angélica Bispo Fernandes de Nascimento et al. Benefícios das práticas integrativas e complementares em saúde na qualidade de vida e nos sintomas de mulheres no climatério: uma revisão sistemática. *Saúde em Debate*, v. 48, n. spe2, p. e9321, 2024 DOI: 10.1590/2358-28982024E29321P. Disponível em: <https://scielosp.org/article/sdeb/2024.v48nspe2/e9321/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

TAN, Jing-Yu et al. Adverse Events of Auricular Therapy: A Systematic Review. *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*, Londres, v. 2014, Article ID 506758, 2014. DOI: 10.1155/2014/506758. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25435890/>. Acesso em: 25 maio 2026.

TRUPPEL, Amanda; MARAFON, Hellen Camila; VALENTE, Caroline. Argiloterapia: uma revisão de literatura sobre os constituintes e utilizações dos diferentes tipos de argila. *Revista Faz Ciência*, v. 22, n. 36, p. 143-163, jul./dez. 2020.

XU, Dan et al. A revision of Traditional Chinese Medicine in the treatment of polycystic ovary syndrome: utilizing data mining techniques for disease prevention and management. *Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas*, v. 24, n. 5, p. 712-731, set. 2025. DOI: 10.37360/blacpma.25.24.5.50. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1609437>. Acesso em: 18 out. 2025.

Washington, K. T. et al. Rural Missourians' perspectives on pain: "I like to be in control of my life". *Health & Place*, v. 96, p. 103561, nov. 2025. DOI: 10.1016/j.healthplace.2025.103561.